

Resenha.

CANABRAVA, Alice Piffer. *História econômica: estudos e pesquisas*. São Paulo: Hucitec; Editora Unesp; ABPHE, 2005, 320p.

***A mulher na universidade: o caso Alice Piffer Canabrava (1911-2003).***

Diogo da Silva Roiz\*.

Muito embora analisadas e entendidas, nas últimas décadas, as figuras das ‘minorias’ tenham sido reabilitadas nos estudos históricos, como pertencentes a um espaço que fora silenciado pelas elites de outrora, que influenciaram espaços de ação política e cultural, e, por sua vez, a produção dos documentos da época, analisar o papel dos chamados homens e mulheres ‘comuns’ das sociedades do passado tem sua importância também justificada pelo fato de contribuírem, ainda que não de forma irrestrita, com as transformações sociais de sua época.

Nesse ínterim, as mulheres conquistaram o direito a escrever a sua própria história. A ‘história das mulheres’ é hoje um campo de pesquisa consolidado em universidades do mundo todo - ainda que em cada país ocorram níveis diferenciados de desenvolvimento e aceitação do campo. Percebe-se, cada vez mais, que a mulher não apenas tem história, mas também fez e faz (a sua) história. De um lado, a conquista do direito ao voto, ao trabalho (e a uma carreira profissional), a igualdade de direitos entre os sexos, buscados com afinco pelos movimentos feministas a partir do início do século passado, dando margem aos estudos produzidos em maior escala, a partir dos anos de 1960. De outro, os movimentos de massa daquela década, que repercutiram em todo o mundo, ganhando ainda maior força com os movimentos estudantis de ‘Maio de 1968’, vieram também a justificar ainda mais os estudos sobre a mulher; principalmente, com a abertura dos campos de pesquisa produzidos nos anos de 1970.

Mas nem sempre foi assim. Pelo contrário, durante muito tempo as mulheres e a escrita de sua história, foram temas opacos, principalmente, para os pesquisadores do sexo masculino. Tanto nas fontes quanto nas pesquisas, o que se ouvia era o silêncio, ‘delas’ e sobre ‘elas’. E um silêncio que se prolongava ainda mais com a escassez de documentos

---

\* Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Mestre em História pela UNESP. Professor da UEMS. E-mail: [diogoser@yahoo.com.br](mailto:diogoser@yahoo.com.br). Texto recebido em 14/03/2011. Texto aprovado em 20/04/2012.

(especialmente, nos oficiais), os quais, quase sempre, não demonstravam a sua presença, o que inversamente veio a dar relevo ao tipo de presença que tinham e ao papel que deviam desempenhar naquela sociedade. O que torna imprescindíveis os seguintes questionamentos: Como a mulher começou a aparecer nos estudos históricos como tema de pesquisa? O que é a ‘história das mulheres’? Quais os procedimentos mais adequados para lhes estudar? Quais os documentos mais adequados para ser analisada a sua presença? Porque é importante que seja escrita a ‘história das mulheres’?

O foco do livro organizado por Eva Alterman Blay e Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, *Mulheres na USP: horizontes que se abrem* (2004), com entrevistas de mulheres que se tornaram pesquisadoras pioneiras, em várias áreas, na Universidade de São Paulo, demonstra alguns dos nexos complexos de uma história, de certo modo, também silenciada. Ao tomarem por base os depoimentos de Gilda de Mello e Souza, Jandyra França Barzaghi, Alice Piffer Canabrava, Olga Pantaleão, Maria Conceição Vicente de Carvalho e Veronica Rapp de Eston, elas nos fornecem subsídios para desatar alguns dos nós que comprimiam a compreensão de parte daquele processo histórico.

Qual o cenário paulista em que se deu um olhar feminino sobre a cultura, com a participação das primeiras normalistas no ensino superior, visto que os percentuais femininos e masculinos nos índices do IBGE, tanto quanto do ensino fundamental e médio, das últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, confirmaria o aumento potencial delas em quase todos os setores. Aumento gradual e ínfimo, evidentemente, se o compararmos com o que se verá nas décadas finais do século passado. Mas, foi justamente a participação dessas pioneiras em setores até então ocupados pelos homens, que simultaneamente preparariam a ascensão que se daria décadas depois.

Um exemplo extremamente significativo desse período, diz respeito à inserção das mulheres na universidade. O concurso de provas e títulos para o cargo de professor catedrático na cadeira de *História da Civilização Americana* do curso de Geografia e História, em 1946, foi um exemplo da organização de grupos, e demonstra a importância dos laços de amizade entre os ‘pares’. Inscrever-se-iam para o concurso Astrogildo Rodrigues de Mello (que era professor interino da cadeira), Odilon Araújo Grallet e Alice Piffer Canabrava. Esta, que se graduou pela Faculdade de Filosofia no curso de Geografia e História em 1937, fora uma das primeiras mulheres do curso a se doutorarem em 1942, sob

a orientação de Jean Gajé, e “mereceu elogios da crítica nacional e estrangeira” por seu trabalho. Havia sido professora assistente na cadeira no início dos anos de 1940, e:

Deste modo, involuntariamente, emergi[a], aos olhos dos meus colegas masculinos, como possível candidata ao provimento efetivo da cadeira de História da América, a ser posta em concurso. Até então, o relacionamento com esses colegas havia sido muito afável [...]. A partir de então, o círculo de hostilidade subterrânea começou a se desenhar para mim com evidências, a se apertar anonimamente em uma ou outra ocorrência da atividade universitária, sem alterar a aparência da superficial cordialidade<sup>1</sup>.

A hostilidade sobre a ascensão da mulher nas cátedras transcorria também entre os lugares de sociabilidade, como: congressos, departamentos, livrarias, bibliotecas e museus, descritos por Alice Canabrava como sendo avisos silenciosos para se afastar da concorrência ao cargo. As dificuldades perpassavam ainda sobre a própria publicação dos exemplares para o exame, que “havia sido impressa em minha casa, em mimeógrafo usado, adquirido para a ocasião, receosa de que vitoriosassem as principais firmas do gênero, o que de fato aconteceu, para tentar bloquear meu trabalho na fase final”<sup>2</sup>, e:

O concurso foi rumoroso e memorável. Jamais poderia esquecer a presença maciça dos meus alunos dos cursos de História da América, a juventude descomprometida e idealista que me apoiou sem reservas; recebi também o apoio de muitas colegas de trabalho docente na Faculdade. Apesar de obter a média mais alta no conjunto das provas, estas não se constituíam em base do critério para a indicação ao cargo de professor catedrático, segundo o regulamento vigente. Esta se decidia com a votação pelos membros da banca. Deste modo, fechados e protegidos pela organização interna do grupo, os colegas do sexo masculino se favoreciam de uma estrutura legal, por eles elaborada, para servir a seus interesses. Verificando-se o empate na votação, coube ao presidente da banca a decisão final, e o fez em favor do meu concorrente, sob a justificativa de que já se encontrava no exercício do cargo, como professor contratado<sup>3</sup>.

Depois de encerrado o concurso e eleito Astrogildo Rodrigues de Mello para o cargo, os outros dois candidatos receberam o título de livre-docentes na área. Com esse exemplo, observa-se o formato das disputas pelo poder no interior do curso, e na formação dos grupos. Ainda que este concurso, dentre outros 15 ocorridos entre os anos de 1930 e início dos anos de 1950, tenha sido o único em que houve a participação de uma mulher, é possível levantar a hipótese de que a organização de grupos masculinos repercutia-se em todas as áreas. Primeiro, porque, segundo Cleide Cerdeira<sup>4</sup>, a concorrência por cargos eram desiguais entre homens e mulheres no período; sendo facilmente observada pelos números

---

<sup>1</sup> CANABRAVA, 2003, p. 17-18.

<sup>2</sup> Idem, p. 19.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>4</sup> CERDEIRA, Cleide M. B. *O ensino superior e a mulher: aspectos da presença feminina na Universidade de São Paulo nas décadas de 1930 a 1950*, São Paulo, 2001. Tese (doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

desfavoráveis a estas, na medida em que avançavam na carreira acadêmica (eram maioria na graduação, pouco menos da metade no doutoramento, e quase inexistentes nos concursos para as cátedras). Segundo, para Maria Trigo<sup>5</sup>, os espaços de sociabilidade se restringiam, quase sempre, a atuação de homens, desfavorecendo a participação de mulheres. Por outro lado, como enfatizam Blay e Lang<sup>6</sup>, as pioneiras da mudança dos caminhos subterrâneos das mentalidades coletivas, aproveitar-se-iam dos mecanismos de ingresso abertos pela Faculdade de Filosofia da USP, inovador se comparado as outras Faculdades, a ela anexadas em 1934, nos quais havia a oportunidade das nominalistas freqüentarem os cursos, com parte dos subsídios de sua remuneração. Assim foi o caso de muitas, como o de Alice Canabrava.

Todavia, não deixa de ser difícil a tarefa de resumir a trajetória de Alice Piffer Canabrava. Figuras silenciosas que eram no período, mulheres como ela, apoiar-se-iam nas brechas abertas com as escolas de formação de professoras (e, em número reduzidíssimo, de professores) para os primários (e, depois, também para os secundários, onde os índices de participação de homens e mulheres seriam bem mais semelhantes, do que no primário). Desse modo, ela teve a oportunidade de aproveitar o espaço que o comissionamento abriu para o ingresso das mulheres nos cursos superiores. Mas, como informaria, as dificuldades, apesar das altas exigências das disciplinas da graduação e, depois, do doutoramento, estavam postas, na medida em que as mulheres tentavam ingressar como docentes efetivas no ensino superior. E não foi diferente com ela, como visto acima. E seu caso não seria deixado de lado, em função de seu pioneirismo. Como indica Olga Pantaleão, se “como alunas, as mulheres eram aceitas sem qualquer oposição, diferente é a perspectiva quando se considera a questão sob outro ponto de vista”, dado que ao “lado da formação de novos especialistas para servir a um mercado em expansão, urgia formar elementos para o próprio corpo docente da Faculdade”<sup>7</sup>, e:

[...] a Cátedra, posto final na carreira universitária na época, estava bem fora do alcance das mulheres: erguia-se uma muralha masculina contra a simples possibilidade. Nos anos 40, a única mulher catedrática na Congregação da Faculdade de Filosofia foi Noemy Silveira Rudolfer, que viera transferida do Instituto de Educação quando este foi extinto e, portanto, não

---

<sup>5</sup> TRIGO, Maria H. B. *Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)*. São Paulo, 1997. Tese de doutorado, USP, São Paulo.

<sup>6</sup> BLAY, E. A.; LANG, A. B. S. G. (Org.). *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*. São Paulo: Humanitas, 2004.

<sup>7</sup> Idem.

tivera de pleitear a Cátedra [em concurso na Faculdade]. Durante quase um ano, de julho de 1946 a junho de 1947, mais uma mulher, eu mesma, pôde aparecer nesse quadro, regendo interinamente a Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea. Durou pouco tempo: por pressão e ação do grupo masculino dominante no curso de Geografia e História tive de deixar a Faculdade, tendo feito o restante de minha carreira fora da USP.

E, finalmente, uma mulher fez o concurso para a Cátedra de História da Civilização Americana: Alice Piffer Canabrava. Foi um acontecimento! Mas, apesar de ter obtido as melhores notas, não ganhou o concurso: a banca examinadora escolheu o segundo colocado em notas, homem, naturalmente, dando-lhe a Cátedra; esse absurdo era possível, então, por força do regulamento do concurso, o qual permitia à banca votar no candidato que ficaria em primeiro lugar. Isso foi tudo o que aconteceu, na década de 40, referente à ocupação da Cátedra pelas mulheres<sup>8</sup> (2004, p. 113-14).

E semelhante ao caso de Olga Pantaleão, Alice Canabrava também fez o resto de sua carreira fora da Faculdade de Filosofia, mas diferente dela, não fora da USP, pois, Alice viria a pedir sua transferência para a Faculdade de Economia e Administração, criada em 1946, pouco depois dos desdobramentos do concurso em que seria preterida, e a qual se tornaria a primeira catedrática em 1951.

Se o caminho que percorreu, por si só, já representaria um marco para o período, deve-se notar ainda que sua obra não seria menos marcante, por ter aberto frentes pioneiras para o estudo da História da América, do Brasil e de São Paulo. Como indica Flávio Saes, ao escrever a introdução da coletânea de textos selecionados, *História econômica: estudos e pesquisas*, “procuramos alcançar dois objetivos: por um lado, mostrar a importância de sua obra para o conhecimento da História Econômica do Brasil pois seus estudos abrangem ampla variedade de temas relativos a essa área; por outro lado, permitir que o próprio leitor identifique, em meio à diversidade de assuntos tratados, a profunda unidade presente na obra de Alice P. Canabrava, tanto na concepção de História, em que as noções de tempo e de mudança são essenciais, quanto no método de pesquisa que orienta seus estudos de diferentes temas”<sup>9</sup>. A distribuição dos 12 textos selecionados para a edição, seria fixada nos campos da história econômica do Brasil (com 4), história econômica de São Paulo (com mais 4), e historiografia e fontes (com outros 4). Além dos textos, seria acrescentada à edição, o texto *Caminho percorrido*, publicado em 2003, em separata da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, em que Alice resume sua trajetória.

Desse modo, os textos discutem da grande lavoura à técnica do fabrico de açúcar, da grande propriedade rural às manufaturas e indústrias no período de D. João VI no Brasil,

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 113-14.

<sup>9</sup> CANABRAVA. Op. cit. p. 7.

dos níveis de riqueza na capitania de São Paulo no século XVIII às máquinas agrícolas, das chácaras paulistas às terras e escravos, das fontes primárias para o estudo da moeda e do crédito em São Paulo àquelas sobre o escravismo, da história e suas relações com a economia até uma análise das obras de Varnhagen, Martius e Capistrano de Abreu. Assim, o mosaico de textos selecionados se complementam, se articulam e visam, como Saes apontou, oferecer os resultados dos estudos e das contribuições de Alice Canabrava para a compreensão do processo histórico, tanto quanto da escrita da história do Brasil e de São Paulo.

Por essa razão, além de ser uma referência indispensável para o conhecimento desses temas, a obra em pauta ainda nos oferece os caminhos e os descaminhos dessa pioneira, que foi Alice Canabrava, além de nos indicar como pensou e estudou a história do Brasil, de São Paulo e, também, das Américas.

### ***Referências:***

BLAY, E. A.; LANG, A. B. S. G. (Org.). *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*. São Paulo: Humanitas, 2004.

CANABRAVA, A. P. *O caminho percorrido*. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2003

CERDEIRA, Cleide M. B. *O ensino superior e a mulher: aspectos da presença feminina na Universidade de São Paulo nas décadas de 1930 a 1950*, São Paulo, 2001. Tese (doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

TRIGO, Maria H. B. *Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)*. São Paulo, 1997. Tese de doutorado, USP, São Paulo.